

Junho de 2010

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

MESTRADO EM ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DOS ENSINOS BÁSICOS E SECUNDÁRIO

2009/2010

ESTÁGIO

RELATÓRIO FINAL



Coordenador do Mestrado: Prof. Dr. Rui Gomes

Professora orientadora: Dr. Elsa Silva

Relatório final de Estágio | Carlos José Chaves Afonso
nº20083218

Este relatório tem como finalidade a obtenção do grau de mestre.

Coordenador do Mestrado: Prof. Dr. Rui Gomes

Professora orientadora: Dr. Elsa Silva

Professor co-orientador: Dr. Bruno Almeida

Resumo

Este relatório pretende descrever as actividades desenvolvidas ao longo deste estágio pedagógico incluído no segundo ano do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, tendo sido desenvolvido no Colégio Dinis de Melo em Amor, Leiria.

Com uma parte inicial mais descritiva, onde faço uma descrição das actividades desenvolvidas a nível do planeamento, da realização e da avaliação e onde justifico também todas as opções tomadas, o relatório passa para uma segunda parte, mais reflexiva onde explico as minhas opiniões sobre o trabalho desenvolvido a nível das aprendizagens realizadas, do trabalho de grupo, no qual estive inserido, as dificuldades sentidas, como as resolvi e as que terei de resolver no futuro, tal como situações dilemáticas relativas a todo o processo. Reflecti ainda sobre o impacto que o estágio teve na realidade da escola onde estagiei, na grande importância da formação contínua e da forma como se relaciona com a inovação que tenho de ter sempre presente na prática pedagógica. Na parte final teço várias considerações sobre toda a experiência pessoal e profissional vivida.

Este relatório será também uma reflexão, não apenas sobre as decisões tomadas a nível da didáctica, da pedagogia e da metodologia, mas também da filosofia de ensino que norteia a minha actuação enquanto professor.

Abstract

This report aims at describing the activities developed throughout this pedagogical practicum, part of the second year of the Masters in Physical Education Teaching in Primary and Secondary Education from the Faculty of Sport Sciences and Physical Education at University of Coimbra, which was carried out at Colégio Dinis de Melo, in Amor, Leiria.

Starting with a more descriptive part, where I describe all activities developed at a planning, implementation and evaluation level and where I justify as well all options taken, the report proceeds to a second and more reflective part, where I explain my opinions on the work carried out at the level of the accomplished learning, the work group, in which I took part, the experienced difficulties, how I solved them and which ones I will have to solve in the future, such as dilemmatic situations related to the entire process. I further considered the impact this practicum had on the reality of the school where it took place, on the great value of the continuing training and how it correlates with the innovation I must keep present at all times in the pedagogical practice. In the final part, I make several considerations on this entire personal and professional experience

This report will be a reflection not only on the decisions taken at a didactical, pedagogical and methodological level, but also on the teaching philosophy guiding my performance as a teacher.

1 INTRODUÇÃO	6
2 DESCRIÇÃO	8
2.1 EXPECTATIVAS E OPÇÕES INICIAIS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO	8
2.2 DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS	11
2.2.1 PLANEAMENTO	11
2.2.2 REALIZAÇÃO	17
2.2.3 AVALIAÇÃO	23
2.2.4 COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL	26
2.3 JUSTIFICAÇÃO DAS OPÇÕES TOMADAS	28
2.4 AVALIAÇÃO DE PROCESSOS E PRODUTOS	29
3 REFLEXÃO	32
3.1 APRENDIZAGENS REALIZADAS	32
3.2 COMPROMISSO COM AS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS	33
3.3 IMPORTÂNCIA DO TRABALHO INDIVIDUAL E DE GRUPO	36
3.4 DIFICULDADES SENTIDAS E FORMAS DE RESOLUÇÃO	37
3.5 DIFICULDADES A RESOLVER NO FUTURO	38
3.6 INOVAÇÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	39
3.7 IMPACTO DO ESTÁGIO NA REALIDADE DO CONTEXTO ESCOLAR	40
3.8 QUESTÕES DILEMÁTICAS	42
3.9 CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL	43
3.10 NECESSIDADES DE FORMAÇÃO CONTÍNUA	44
3.11 EXPERIÊNCIA PESSOAL E PROFISSIONAL DO ANO DE ESTÁGIO	46
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

1 INTRODUÇÃO

Este relatório assinala o culminar do meu estágio pedagógico, que decorreu Colégio Dinis de Melo em Amor, inserido no núcleo de estágio do mesmo, do qual faziam parte mais três estagiários (António Alves, Jorge Martinho e Nuno Carvalho), o orientador da escola (Professor Bruno Almeida) e a orientadora da Faculdade (Mestre Elsa Silva). Contamos ainda com o apoio indispensável da direcção do colégio, na pessoa do seu director pedagógico, Dr. Fernando Cruz.

Ao conseguirmos estabelecer um protocolo, entre a faculdade e o Colégio Dinis de Melo para desenvolver um núcleo de Estágio no local onde exerço as minhas funções profissionais, percebi que poderia ter todas as condições para desenvolver um excelente trabalho. A Unidade Curricular de Estágio Pedagógico do 2º ano no Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básicos e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade de Coimbra, revelou-se uma excelente experiência a nível profissional e pessoal.

No presente relatório, procurarei levar a cabo uma descrição e reflexão sobre o trabalho que desenvolvi nesta escola, no âmbito da disciplina de Desporto e Educação Física, tomando como referência os pressupostos e as expectativas iniciais (PIF). Terei como linha orientadora o Guia de Estágio para o MEEFEB 2010 tal como as orientações para a elaboração do relatório final de estágio fornecidas pela faculdade.

Procurarei, no percurso, dar conta do modo como encaro, em retrospectiva, toda a evolução que sinto ter realizado em mim a experiência vivida, que passou por um processo dialéctico (ou por uma sucessão de processos desta ordem) em que cada superação implicou sempre uma tomada de consciência não só das dificuldades a vencer, mas também das representações mentais que formara da realidade com que me confrontava e da necessidade de as reconfigurar, sem o que não teria havido o grau de progresso que considero francamente elevado.

Penso ter dado o meu melhor no desempenho de todas as minhas funções, que, deverei dizê-lo, são aquelas para que verdadeiramente me senti vocacionado e que sinto serem de fundamental importância na construção de um mundo melhor e, em particular, mais saudável.

Pretendo aqui, descrever o meu percurso ao longo deste ano lectivo, apresentando as minhas ideias, conceitos, preocupações, etc., enfim, tudo o que ocorreu, nesta minha experiência de Professor de Educação Física. Desejo no entanto que, este documento seja mais do que uma simples descrição ou relato de acontecimentos, e sirva como um importante momento de reflexão acerca do meu trabalho.

Este ano foi fundamental para a minha formação como profissional e espero que este documento consiga demonstrar isso mesmo. Vou por isso relatar de em modo sincero, objectivo, simples e realista.

O estágio contempla um conjunto de tarefas, que proporcionam a organização e estruturação do processo de ensino. Estas actividades provocam nos intervenientes, a tomada de consciência de como o ensino é realizado, como é estruturado, como são os processos de adaptação dos alunos de modo que se possa actuar de forma individualizada sobre estes alunos. Desta forma, o estágio foi encarado como um desafio que me podia fornecer mais conhecimentos para a minha vida profissional.

Este trabalho tem como objectivos: descrever, reflectir, criticar, fazer um balanço, dar sugestões e opiniões sobre a experiência que vivi durante quase nove meses de trabalho, algumas vezes bastante árduo, pois nem sempre foi fácil encontrar soluções para os problemas com que me deparei. No entanto, se neste momento me encontro a redigir este documento, é porque consegui superar esses tais problemas da melhor forma possível.

2 DESCRIÇÃO

2.1 Expectativas e opções iniciais em relação ao estágio

Estas são as expectativas iniciais que defini antes do início do estágio pedagógico no meu PIF, as quais passo a transcrever:

“Apesar de já ter alguma experiência no ensino, sou da opinião que a nossa formação deve ser constante, ao longo da vida, tal como está definido no decreto-lei nº240/2001, que define o perfil de desempenho docente. Com a frequência do Estágio Pedagógico, espero vir a melhorar o meu desempenho enquanto docente de Educação Física.

Considero que qualquer actividade pedagógica supervisionada tem a vantagem de sermos observados e recebermos feedback`s relativos ao nosso desempenho, podermos discutir, ponderar, reflectir e melhorar a nossa intervenção pedagógica.

Considero que qualquer actividade pedagógica supervisionada tem a vantagem de sermos observados e recebermos feedback`s relativos ao nosso desempenho, podermos discutir, ponderar, reflectir e melhorar a nossa intervenção pedagógica.

Objectivos de formação e formas de os atingir

Os principais objectivos que pretendo atingir dividem-se em duas áreas: uma relacionada com a didáctica específica da Educação Física e outra com a gestão escolar mais propriamente no que respeita ao desempenho de cargos.

» Relativamente à didáctica específica da Educação Física, as competências que pretendo melhorar e/ou adquirir são as seguintes:

- Planeamento:

➤ Anual

- Apresentar todas as acções a levar a cabo pelo departamento (Plano Anual Actividades).

➤ Anual de Turma

Objectivos Específicos:

-Seleccção das Unidades Didácticas e a calendarização das matérias a leccionar;

- Programação da calendarização em função da Avaliação Inicial (Plano Curricular de Turma).

➤ Unidade Didáctica.

Objectivos Específicos:

-Individualizar a cada turma/ano os conteúdos definidos no Programa de E.F.;

-Definição dos conteúdos e adequação ao tempo disponível para a leccionação;

-Estabelecimento de metas temporais para que os alunos concretizem os objectivos propostos;

-Estabelecer objectivos concretizáveis para cada aluno;

- Programação dos conteúdos em função da Avaliação Inicial.

➤ Aula

Objectivos Específicos:

- Planear a existência de exercícios concretizáveis, motivadores e dinâmicos;

- Planear momentos de transição e gestão adequados;

- Planear relações adequadas entre exercício e objectivos;

➤ Planificação da Avaliação

Objectivos Específicos:

- Desenvolver um conjunto de instrumentos de avaliação de forma justificada, de modo a que os processos de avaliação inicial, formativa e sumativa formem entre si um todo coerente.

- Intervenção Pedagógica-Condução do Ensino

-Relativamente às técnicas de intervenção pedagógica, pretendo melhorar a minha intervenção ao nível das quatro dimensões (Instrução, gestão, clima e disciplina), ao nível da utilização do feedback pedagógico e aumentar o tempo potencial de aprendizagem dos alunos.

Estratégias e Meios

- Conversar, debater ideias/estratégias com os orientadores;
- Observação de aulas dos estagiários, do orientador e restantes docentes de Educação Física;
- Consultar livros específicos e fichas de exercícios;
- Antever variantes de facilidade ou dificuldade para cada aula;
- Trabalhar em grupo com restante Núcleo de Estágio.

Pretendo também participar em Acções de Formação, como tenho feito regularmente, através de entidades competentes para o efeito como é o Centro de Formação de Leiria. “

Partindo deste plano individual de formação e discutindo-o, ponto a ponto, julgo ter cumprido com todos os objectivos a que me propus. Não tenho quaisquer dúvidas que melhorei forma bastante acentuada no que diz respeito à didáctica específica da educação física. Considero que passei a dominar de forma bem mais eficaz todo o processo de planificação (plano anual, período, unidade didáctica, plano de aula, processo de avaliação). Também a minha evolução a nível da intervenção pedagógica propriamente dita, na condução do

ensino foi notória. O estágio pedagógico supervisionado fez-me limar muitas arestas em relação a competências que pensava dominar. Claro que esta evolução não seria possível sem o feedback dos meus orientadores de escola e de faculdade e também, de uma forma muito concreta e assertiva, do grupo de estagiários que observou as minhas aulas e das quais me forneceu informações muito pertinentes para a minha evolução.

Em relação à Escola, Colégio Dinis de Melo, facilmente se percebe que é de uma escola com boas condições para a prática desportiva, pois está equipada com um pavilhão gimnodesportivo, um polidesportivo exterior, vários campos de futsal, voleibol e basquetebol também exteriores e uma pista de atletismo com caixa de saltos. Uma escola com estas características, depreende-se que esteja vocacionada para a actividade física e desportiva, e, assim sendo, julgo que o meu trabalho aqui será facilitado, ainda mais, com a colaboração dos colegas professores de Educação Física e a ajuda dos funcionários, que seguramente me será prestada quando solicitada.

Para as aulas que leccionei, penso que consegui ensinar, aos meus alunos, a matéria em questão, pois considero que estava preparado. E assim o digo pois considero que a experiência ganha através da formação anterior que tive e dos anos de prática no ensino da educação física (completo este ano 12 anos de serviço).

2.2 Descrição das actividades desenvolvidas

2.2.1 Planeamento

2.2.1.1 Planeamento Anual

A elaboração do planeamento anual foi uma necessidade objectiva que se impôs de per si, na medida em que, em cada tempo lectivo, se encontravam duas ou até três aulas a decorrer, cada uma das quais, com as suas

necessidades específicas no que diz respeito ao espaço e ao material. Existe um sistema de “roulement”- rotação semanal dos espaços de aula definido pelo departamento de educação física que estipula todos os espaços destinados para cada aula, tal como o respectivo balneário para cada turma. Este sistema assenta numa suposta igualdade de oportunidades, concretizada pela distribuição equitativa da presença das turmas pelas instalações desportivas do colégio.

Partindo da Avaliação Inicial, como ponto de partida para a construção do PA, foram definidas as prioridades de intervenção, colocaram-se, cronologicamente as diferentes Unidades Didáticas e distribuíram-se as horas por cada uma delas, consoante os conteúdos contemplados, estratégias gizadas e actividades seleccionadas. Desta distribuição e ordenamento, surgiram quadros onde, para além do registo desses aspectos, foram assinalados outros, tais como, interrupções lectivas, feriados e termo do ano escolar.

Foi feita, ainda, a inventariação do equipamento (material e espaços) existente para a disciplina de Educação Física.

Optámos por um trabalho diversificado e com qualidade, que se concretizou na selecção de nove modalidades para o 12º ano. No entanto, a periodização da actividade não resulta, como seria desejável, da interpretação que o professor faz das características dos seus alunos (das suas possibilidades e prioridades, ditadas pela avaliação inicial), mas sim dos horários e da definição à priori da circulação da turma pelas instalações.

A distribuição dos conteúdos programáticos, ao longo do ano lectivo, foi realizada em função de alguns aspectos:

- Resultados da Avaliação Inicial (diagnóstico);
- Espaço Disponível: sabendo que o pavilhão era partilhado com outros professores, tentámos conciliar sempre as modalidades quando em simultâneo (uma que pudesse ser realizada no recinto desportivo exterior ou mesmo conjuntamente no pavilhão).

- Material existente: este foi um aspecto a ter em conta neste planeamento, uma vez que, houve casos em que não foi possível evitar a coincidência de abordagens de algumas matérias, em simultâneo, por dois professores.

- Condições Atmosféricas: tentei, sempre que possível, realizar aulas no exterior, no intuito de aumentar a motivação da turma. As várias modalidades foram distribuídas tendo em atenção este factor. Quando estavam previstas más condições atmosféricas, antecipei essa possibilidade nos planos de aula, definindo alternativas (partilha do pavilhão e aula na mediateca).

Para além destes aspectos, no Planeamento Anual estão contempladas aulas com o objectivo de ir ao encontro das motivações dos alunos, tendo em conta que o planeamento será constituído por longos blocos de matéria, urgindo criar diversidade e atender ao aspecto lúdico como factor de motivação a explorar. Como tal e, estando a estagiar num 12º ano, pusemos à disposição dos alunos a opção de definir o seu currículo, como está previsto no Programa de Educação Física do secundário, do Ministério da Educação, o qual passo a transcrever o excerto: “ (...) No 11º e no 12º anos, admite-se um regime de opções no seio da escola, entre as turmas do mesmo horário, de modo que cada aluno possa aperfeiçoar-se nas seguintes matérias (conforme os objectivos gerais): duas de Jogos Desportivos Colectivos, uma da Ginástica ou uma do Atletismo, Dança e duas das restantes (...)”. Perante a necessidade de haver unanimidade na escolha, foi feita uma votação e preenchido, por todos os alunos da turma, um documento de “Aceitação das modalidades a desenvolver”. Como não houve essa unanimidade, ficou definido que iriam ser leccionadas todas as matérias previstas pelo departamento de educação física do colégio para o 12º ano.

Fizeram parte desta planificação os seguintes conteúdos:

- Caracterização da Escola e do Meio;
- Competências Essenciais;

- Regulamento Interno (Inventário, Recursos humanos, condições espaciais e regulamento específico de EF);
- Caracterização da turma;
- Conclusões e decisões do balanço da avaliação inicial (grelha com nível previsto no programa de Educação Física e nível apresentado na avaliação inicial);
- Guia geral da avaliação;
- Plano anual de actividades Educação Física.

2.2.1.2 Planeamento das Unidades Didácticas (UD)

As Unidades Didácticas e a sua articulação e sequência constituem, por assim dizer, o cerne do processo pedagógico em geral e da planificação em particular, apresentando aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem.

Esta tarefa implicou uma preparação cuidadosa da matéria de ensino, descendo ao pormenor. Na sua elaboração, o grupo de estágio não avaliou nem analisou a trajectória anteriormente percorrida pelas turmas, pelo que esta etapa de trabalho tomou um carácter genérico. As diferentes Unidades Didácticas foram planeadas para anos de escolaridade.

As Unidades Didácticas foram definidas tendo em atenção duas condições impostas pelos condicionalismos da própria escola, tais como, o material existente e o espaço disponível, pressupondo-se a sua utilização por vários professores simultaneamente.

Tendo em atenção a tendência para, cada vez mais, o modelo de ensino caminhar do modelo de blocos para o por etapas, foi seguido um modelo que fará um misto destes dois modelos. Existiram unidades didácticas que foram abordadas em etapas e outras que foram leccionadas por blocos de matéria. A impossibilidade de se implementar o modelo de ensino por etapas propriamente dito deveu-se ao facto de o modelo adaptado pelos outros

professores do colégio ter sido o por blocos, o que originou um choque ao nível dos materiais e das instalações, com a rotação de espaços.

As Unidades Didácticas, cujos objectivos específicos foram colocados gradualmente, para que, assim, pudessem ser alcançados, serviram de base à planificação das aulas.

A planificação não pôde, porém, ser sempre fielmente seguido, devido a interrupções imprevistas na actividade lectiva.

A formulação dos objectivos gerais contemplou os domínios cognitivo, sócio-afectivo e motor. Através destes, tentei atingir um leque de possíveis contributos desta disciplina não só para o rendimento das aulas, mas também, sob os pontos de vista intelectual e social, tendo em atenção o desenvolvimento multidimensional do aluno e a sua personalidade.

As funções didácticas, e de acordo com o nível de aprendizagem revelado pelos alunos, reportaram-se sempre aos primeiros níveis- transmissão e assimilação, exercitação, consolidação e domínio, avaliação e controlo – não sendo viável, pretender atingir a fase de automatização. Este ponto é compartilhado por Bento (1987), que refere que o ensino se pode dar por satisfeito, quando a formação de habilidades motoras percorre e cumpre as fases anteriores.

É pelo recurso a diferentes estratégias, que os conteúdos podem alcançar objectivos diferentes, assim como se podem atingir os mesmos objectivos, através de conteúdos diferentes. Este aspecto, talvez reflecta o ponto mais importante de toda a actividade educativa, pois constitui a forma de dirigir a acção no sentido de se alcançar e/ou manter, com maior eficácia, as metas visados no processo de ensino e aprendizagem.

Para além da preocupação em proporcionar aos alunos uma aprendizagem gradual, partindo dos aspectos mais simples para os mais complexos, planeei várias formas de trabalho, que variaram de acordo com as

características das actividades previstas. Utilizei, preferencialmente, o trabalho em vagas, em grupo, por estações, individual e formas jogadas.

Estas últimas estiveram presentes sempre que possível, pois todos conhecemos a atracção que liga o homem ao jogo, especialmente evidente na criança e no jovem. Todavia, nas aulas cuja função didáctica era a transmissão e assimilação de novos conteúdos, preferi as situações mais analíticas, por pensar que permitem uma maior correcção na aprendizagem técnica.

Nos desportos colectivos, as formas jogadas revelam-se importantes, por poderem conter a intrínseca complexidade e variedade da situação de jogo. No caso dos desportos individuais, esta estratégia é um factor fundamental para proporcionar uma maior motivação. Com o mesmo fim, a apresentação de situações lúdicas e/ou competitivas, embora não sendo possível de realizar de forma sistemática, assumiu um carácter prioritário, pelo que, tentei variar os exercícios e a metodologia, respeitando os objectivos e os conteúdos.

Fizeram parte desta planificação os seguintes conteúdos:

- Inventário descrito no Plano Anual;
- Relatório da avaliação inicial;
- Grelhas com extensão das aulas por dia, espaço de aula, nº de aula da unidade didáctica, nº de aula e definição de objectivos da modalidade;
- Extensão e sequências de conteúdos;
- Progressões pedagógicas.

As Unidades Didácticas contemplam ainda todos os aspectos inerentes à modalidade, os objectivos mínimos e de desenvolvimento a atingir pelos alunos, situações de aprendizagem adaptada a cada nível, critérios de avaliação e as estratégias a ser utilizadas.

2.2.1.3 Plano de Aula

O plano de aula comportou todas as questões apresentadas na Unidade Didáctica, embora especificando, para a aula, exercícios e tempo destinado ao mesmo.

A aula apresentou, geralmente, uma estrutura tripartida (parte inicial, fundamental e final), reflectindo diferentes objectivos em cada uma das suas “divisões” didácticas, que apresento em seguida, tomando como referência a opinião de João Pimentel.

Assim, a “parte inicial” consiste em “entrar progressivamente na aula”. Nesta, temos uma primeira fase, imediatamente antes do aquecimento, que poderá chamar-se “colocar os alunos na mão” (conduzir os alunos para o local da prática, transportar e colocar o material no lugar, rever a lição anterior e fixar objectivos da presente), e uma segunda fase, a do aquecimento, que Seners (1993) define como “o conjunto de actividades úteis para estabelecer o estado optimal de preparação física e psíquica necessária a uma prática intensa” (predispor e favorecer, designadamente, a contracção muscular, a coordenação motora, a flexibilidade, a eficácia do sistema respiratório e circulatório).

Na “parte fundamental”, é importante atender aos princípios da carga e recuperação, com intensificação sistemática e vários pontos altos, para além da aprendizagem, rendimento, comprovação e alegria, elevando o nível motivacional dos alunos, garantindo o seu empenho.

A “parte final” tem um duplo objectivo: o retorno à calma (retorno ao estado fisiológico normal) e a reflexão sobre o trabalho realizado. Piéron (1992) diz, a este respeito, que “o professor pode consagrar um breve espaço de tempo para tirar os ensinamentos das actividades efectuadas, procurar as insuficiências e preparar as actividades da aula seguinte.” Muitas vezes, o retorno à calma foi efectuado simplesmente sentando os alunos e obrigando-os a ficarem um momento atentos, ouvindo a revisão e/ou extensão da matéria abordada, antes de lhes dar ordem de saída da aula.

2.2.2 Realização

2.2.2.1 Aulas

Este é um dos aspectos fundamentais para o sucesso da aula, prendendo-se com as condições espaço-temporais, materiais e características da turma, dos alunos e das actividades.

No que se refere à **gestão** do tempo, tentei sempre respeitar o que foi determinado pelo departamento de educação física, muito embora a necessidade de dispensar 5 minutos no início e 10 minutos no fim da aula, para que os alunos pudessem aproveitar o intervalo a que têm direito, tivesse condicionado bastante a planificação. No entanto, as maiores dificuldades a este nível situaram-se no início do ano lectivo. No decurso do mesmo, depois de me adaptar a este aspecto, pude libertar e canalizar a minha atenção para outras questões, ligadas de forma mais directa com os alunos.

Foi essencial criar determinadas rotinas e hábitos de organização, tanto na disposição dos alunos em actividade, como fora dela. Isto porque, a aula se desenrola num espaço por organizar, contrariamente ao que os alunos estão habituados noutras disciplinas, em que a estruturação do espaço já está definida.

A própria estrutura da aula foi planificada para que, as transições entre as situações de aprendizagem possibilitassem uma continuidade na organização. Para além disso, tentei que os exercícios propostos, sempre que possível, apresentassem estruturas semelhantes e uma organização simples. Penso que, em grande parte, a forma agradável e produtiva como as aulas decorreram, foi consequência do seu planeamento prévio. Tive ainda o cuidado de, sempre que possível, ter todo o material montado antes do início da aula. Foi essencial criar determinadas rotinas e hábitos de organização, tanto na disposição dos alunos em actividade, como fora dela. Isto porque, a aula se desenrola num espaço por organizar, contrariamente ao que os alunos estão habituados noutras disciplinas, em que a estruturação do espaço já está definida, embora raramente os alunos cumpram o estipulado nas salas de aula. Por exemplo, sempre fui o primeiro a chegar ao pavilhão para evitar confusões

e reboleio. Para diminuir os tempos de transição, tinha os grupos formados e previstos no plano de aula.

Relativamente ao meu posicionamento, tenho a noção que fui melhorando com o tempo. Com a ajuda dos meus colegas observadores, dei conta que o meu deslocamento deveria ser feito de uma forma imprevisível, de modo a conseguir acompanhar a execução de todos os alunos. O meu posicionamento foi também assim alterado no sentido de conseguir controlar em todas as situações toda a turma, sem nunca deixar que os alunos ficassem fora do meu alcance visual. Também percebi de melhor forma que com o “controlo à distância” consegui mostrar aos alunos que estava de “olho” neles. Competência que não dominava correctamente.

No decorrer das aulas procurei ter sempre uma intervenção dinâmica no sentido de corrigir ou elogiar a execução técnica dos alunos e em relação a determinados comportamentos, através de feedbacks, especialmente prescritivos, descritivos, positivos e cruzados, tendo também a preocupação de verificar o efeito dos mesmos. O Fecho de ciclos foi algo a que dei importância, pois a informação de retorno é algo crucial no processo de ensino aprendizagem. Posto isto, esforcei-me no sentido de fornecer o máximo de feedbacks com o objectivo de proporcionar aprendizagens estáveis e duradouras traduzidas na melhoria do desempenho motor dos alunos.

Um ponto que confere bastante importância à **comunicação/instrução** entre o professor e o aluno na aula é a informação frequente e adequada à prestação do aluno. Durante a actividade, tentei, sempre que necessário, fornecer indicações aos alunos, quer individuais, quer colectivas, com a preocupação de restringir a informação aos aspectos que se tornavam essenciais, a fim de evitar tempos mortos e para que os alunos se apercebessem do que era fundamental, desviando para aí a sua atenção. A turma, neste aspecto, foi impecável, mostrando um enorme interesse em “solver” toda a informação.

No decorrer da minha actividade pedagógica, tentei sempre utilizar uma linguagem perceptível e clara e uma terminologia correcta, aliadas a um discurso breve e objectivo. Outro aspecto importante e que sempre tive em atenção foi a colocação da voz.

Ao falar em comunicação, não nos podemos esquecer da comunicação gestual que a suporta e está aliada à postura assumida pelo professor. No entanto, será importante salientar a importância do rigor com que todo o gesto deve ser efectuado, essencialmente, nos momentos de demonstração, para que, assim, a imagem ideo-motora que passa a formar-se nos alunos seja correcta. Quando tal não for possível, por várias razões, julgo ser correcto recorrer a um bom modelo entre os alunos ou proceder a uma execução lenta, realçando os aspectos fundamentais à correcção do movimento. Julgo, neste aspecto, ter uma boa imagem para a demonstração da maioria das modalidades. Sou defensor de que o professor deve ser um exemplo para os alunos quer a nível de imagem, quer de atitudes, como tal sempre tive uma postura de exemplo para eles. Acho que o que nós fazemos “grita” mais alto do que o que dizemos- a chamada Pedagogia do Exemplo. O professor Marco Lunardelli refere mesmo que “Ensinar através do exemplo não é a melhor maneira de influenciar as pessoas e inculcar fortemente os princípios ensinados. É a única”.

É de realçar que, a realização de uma pequena reflexão escrita o final de cada aula, contribuiu para a correcção e implementação das melhores estratégias que fui empregando ao longo do ano, facilitando muito o planeamento das aulas. Nesta reflexão, fiz sempre uma avaliação formativa relativamente ao desenvolvimento das aprendizagens dos alunos.

Quanto à minha reacção à prestação dos alunos, tentei sempre fazer a crítica pela positiva, elogiando o aluno, quer pela progressão na aprendizagem, quer pelo esforço desenvolvido, motivando-o para a realização das tarefas propostas.

A **disciplina** foi um factor que nunca descurei, por considerar que, juntamente com a organização da aula, é um aspecto essencial para uma optimização do processo ensino-aprendizagem. Os raros comportamentos desviantes, tomados, de início, pelos alunos, por se depararem com um professor novo, de imediato foram erradicados, através do exercício de uma autoridade compreensiva e dialogante.

Não se podendo dizer que tivessem surgido problemas de indisciplina dignos de menção, uma vez que a turma é constituída por alunos com uma excelente postura, onde tive de estipular regras de conduta mais assertivas foi nas transições de tarefas onde têm mais tendência para se dispersar. Tentei relembra-las frequentemente e não apenas aquando de uma violação.

O bom **clima** de trabalho e de relações humanas obtido na turma foi conseguido também através de dois princípios que procurei incutir nos alunos:

“Se queres ser respeitado, tens que respeitar”;

“Na vida há tempo para tudo, tempo para brincar, tempo para descansar,.. e também tempo para trabalhar”.

Na minha opinião, é fundamental, para que exista um bom clima na aula, tratar os alunos pelo nome próprio. Consegui saber o nome de todos eles na primeira com algum trabalho de casa. Julgo ter conseguido ter um excelente clima de aula com todos eles, mantendo-o, mesmo depois de as aulas terminarem.

As **decisões de ajustamento** que efectuei nunca forma de grande implicância no trabalho realizado. Estiveram relacionadas com pequenos ajustes nas tarefas, a nível do tempo de prática, de momentos que entendi estender ou encurtar, conforma a significância que senti estarem a ter para os alunos em determinados momentos. As alterações de maior significado que tive, relacionaram-se com a alteração do espaço da aula. Aconteceu ter de partilhar o pavilhão com uma turma, normalmente devido às más condições atmosféricas. Aconteceu também, apenas uma vez, que a minha turma de estágio não teve acesso a parte alguma do pavilhão. Estava o tempo de chuva e o espaço que tinha atribuído eram as pistas de atletismo. Como está definido

pelo departamento de educação física, na rotação de espaços a 3, como era o caso, a turma que tem prioridade para ocupar metade do pavilhão é a que ocupava o espaço exterior (polidesportivo). No entanto previ esta situação e reservei o espaço na mediateca e estivemos a desenvolver um trabalho de pesquisa na internet sobre atletismo que os alunos posteriormente enviaram para o meu mail.

2.2.2.2 Observação de aulas inter-estagiários

Sabendo que a valorização de um professor não se faz apenas com a prática, a contínua observação das aulas dos outros estagiários, revelou-se, sem dúvida, como um enorme contributo tanto para observadores como para os observados.

As diferentes situações que aula após aula se deparam, fez-nos entender e compreender que a nossa área de intervenção não se limita apenas à aula propriamente dita. Como observador exterior às aulas dos colegas faz-nos ter uma perspectiva diferente do momento, habituados que estamos a ser intervenientes no processo.

Também para quem está a ser observado, tem a oportunidade de ouvir opiniões considerações ou mesmo diferentes perspectivas de intervenção para as diferentes situações.

Foi neste inter-relacionamento que as aulas observadas, tiveram este carácter de importância por excelência.

Pelo que disse anteriormente, para mim é o que realmente conta para a nossa formação de futuros docentes. Ao ter que me pronunciar acerca do desempenho dos restantes colegas e ter que atribuir um certo grau de competência adquirida, não me sinto muito capaz de o fazer, até porque a heterogeneidade das diferentes turmas essencialmente ao nível da disciplina e comportamentos, mostraram ser factores de limitação e desigualdades, condicionando o trabalho efectuado pelos diferentes professores estagiários.

Os resultados destas observações encontram-se patenteados no relatório final das observações inter-estagiários.

2.2.3 Avaliação

Conjuntamente com a planificação e realização, a análise e avaliação constituem tarefas centrais de cada professor. No entanto, para poder avaliar de forma equitativa e justa, é necessário uniformizar os critérios.

Se a avaliação significa determinar os progressos efectuados num determinado objectivo, torna-se, pois, imperioso que esse objectivo seja definido sem ambiguidades e de uma forma rigorosa. Só assim se poderá medir até que ponto foi conseguida a aproximação.

A Educação Física na escola deverá ser avaliada de acordo com a função que, de facto, assume na Educação de um modo geral. Como tal, uma vez que o objectivo final desta é a formação global do aluno, o mais importante não serão apenas os resultados, mas sim a forma como estes são atingidos.

De uma forma contínua e sistemática o professor vai avaliando os alunos, não só pelos seus conhecimentos práticos e teóricos, mas também pela sua forma de estar nas aulas. Deste modo, os parâmetros representados pela assiduidade, pontualidade, apresentação e postura, atenção, sentido de responsabilidade, cooperação, espírito desportivo e capacidade de autocritica deverão estar presentes em todas as avaliações, sumativas ou não, pois constituem o reflexo da personalidade e do carácter dos alunos, que deverão ser tomados em linha de conta, de modo que a avaliação não perca o seu sentido e não se desenquadre do objectivo geral da Educação.

Embora se possa pensar, à partida, que a avaliação em Educação Física estará facilitada pelo facto de os níveis não apresentarem qualquer efeito na aprovação dos alunos, tal juízo torna-se falso, especialmente numa área de cariz tão subjectivo. Esta é uma área em que o sucesso ou insucesso podem ser determinantes na integração no grupo escolar, como, de facto, o são. Isto,

por si só, já me parece razão suficiente para ponderar cuidadosamente a atribuição de qualquer “nota”.

Para além disso, devem impor-se questões de justiça e equanimidade. Há que compensar o trabalho efectuado e a prestação atingida. Aqui será o professor juiz, incumbindo-lhe olhar o aluno na sua forma global e dizer-lhe “quanto vale”, sem nunca deixar de ter consciência do perigo que representa pretender mensurar essa realidade global e subjectiva que é o aluno, transformando-o num valor quantitativo. Tentei, assim, cumprir o dever de avaliar, procurando fazê-lo com a maior objectividade possível, dada a delicadeza da questão.

Desta forma, na avaliação motora, dei mais importância aos aspectos que considerei essenciais para cada conteúdo, tendo sobre eles incidido a minha intervenção, no decorrer das aulas.

A classificação atingida pelo aluno deveria resultar da conjugação de um conjunto de parâmetros (domínios), estipulados pelo departamento de Educação Física, com um valor percentual variável, da seguinte forma:

- Aquisição, compreensão e aplicação de conhecimentos:

. Modalidades Colectivas/Individuais 80 %

- Interesse e participação:

. Intervenção correcta e pertinente 2%

. Interesse e empenho nas actividades propostas 3%

- Métodos e hábitos de trabalho:

. Cumprimento das tarefas 2%

. Hábitos de higiene 6%

. Progressão na aprendizagem 2%

- Atitudes e Valores:

. Comportamento 2%

. Autonomia 1%

. Cooperação 2%

Para além da análise dos resultados obtidos, preocupei-me em avaliar o processo de ensino-aprendizagem. De uma forma geral, procurei verificar se a organização da aula, as intervenções e os objectivos estiveram ajustados e garantiram aos alunos as oportunidades de aprendizagem pretendidas. Esta verificação sistemática permitiu-me retirar dados para a análise do produto final e foi fundamental, fornecendo-me o feedback necessário para procurar adequar as exigências de ensino às condições reais, tentando respeitar a globalidade de todo o processo de aprendizagem.

Os critérios de avaliação, foram definidas pelo Núcleo de Estágio, tendo por base os estabelecidos pelo Departamento de Educação Física e foram aplicados, no sentido de classificar o aluno em função do seu desempenho nas situações de prova seleccionadas para a demonstração das qualidades visadas.

As percentagens a atribuir a cada componente, são iguais às definidas pelo departamento de Educação Física e aprovado em Conselho Pedagógico e distribuído aos alunos no início do ano lectivo.

Para realizar o processo avaliativo foram utilizadas a avaliação diagnóstico inicial, avaliação sumativa e a mais importante de todas, a avaliação formal (como já referi, feita de forma contínua, na reflexão de cada aula).

Para a avaliação sumativa, o colégio tem determinada uma folha de cálculo onde tem definido todos os parâmetros onde recai a avaliação. Esta folha de cálculo é igual e validada para todos os departamentos disciplinares. Para o parâmetro de aquisição, compreensão e aplicação dos conhecimentos, que apresenta um peso maior (80%), temos uma outra folha de cálculo, específica para o departamento de educação física e validada por este, onde definimos para todas as matérias os conteúdos que vamos avaliar e os respectivos pesos. Após o cálculo destes valores é que os transportamos para a folha de cálculo final, onde são então atribuídos os outros parâmetros: Interesse e participação (5%); Métodos e hábitos de trabalho (10%) e Atitudes

e valores (5%). Daqui resulta a classificação final de cada aluno, somados todos os parâmetros.

2.2.4 Componente Ético-Profissional

Relativamente a esta dimensão, ética profissional, foi algo que adequei a todo este processo ensino-aprendizagem.

No planeamento das aulas, como das unidades didácticas, no plano anual e na sua aplicação real com a turma, considero que mostrei as competências essenciais para realizar um projecto rico em rigor e em valores profissionais.

Seguidamente irei reflectir sobre essas competências, que designo como fundamentais, para a apresentação de um nível ético-profissional exemplar:

- **Conhecimentos gerais e específicos:** Nesta competência, julgo dominar uma cultura geral contextualizada por me considerar uma pessoa informada e interessada em tudo que me rodeia, tal como dominar uma cultura mais específica do âmbito científico da profissão de docente e da Educação Física. No entanto, tenho a modéstia suficiente, de dizer “não sei mas vou investigar”.

- **Auto-formação e desenvolvimento profissional:** Esta competência fica ligada de forma inequívoca à anterior uma vez que defendo que devemos ser “alunos” a vida toda e ter a clareza de pensamento que nos faça perceber que devemos estar em constante formação, aprendendo a toda a hora, quer com os nossos alunos, quer com os colegas, funcionários, pais, amigos. Além disso, é importantíssima a formação desenvolvida por entidades próprias para o efeito. Sentindo que tenho algumas lacunas nesse aspecto, estive presente numa Acção de Formação sobre o tema “Tag-Rugby na Escola”, desenvolvida durante o 1º período, organizada pela APPEFIS.

- **Disponibilidade para os alunos e para a escola:** Junto da turma mostrei sempre uma atitude disponível, flexível em certas questões e acessível na resposta a qualquer problemática. Cativei a sua atenção e gerei neles

interesse e envolvimento em todas as actividades. Foi empenhado e cumpri com todas as minhas obrigações.

- **Trabalho em equipa:** Acho que desempenhei um trabalho com qualidade junto do grupo de estágio, com a minha disponibilidade na resolução de qualquer problema, através meu ponto de vista presente em todos os trabalhos desenvolvidos, e através da minha capacidade de trabalhar em grupo. Mostrei uma atitude positiva perante o grupo, de respeito e flexibilidade resultando numa boa relação entre todos e no sucesso das actividades organizadas. Temos a vantagem de já nos conhecermos há alguns anos e de haver uma ligação de amizade entre nós. Os inúmeros trabalhos de grupo cimentaram uma relação, já de si, forte. Ajudei a promover o trabalho de equipa, participando em todas as reuniões pois assumo o trabalho de equipa como uma responsabilidade própria e colectiva.

Mantive também uma boa relação com todos os elementos constituintes do Grupo de Educação Física, com o professor orientador da escola, Bruno Almeida e com a professora orientadora da faculdade Elsa Silva.

- **Capacidade de iniciativa e responsabilidade:** Esta competência liga-se com a anterior de forma inequívoca. Colaborei nas diversas actividades do grupo de Educação Física com gosto e entusiasmo no sentido de ajudar a atingir o seu objectivo. Cumpri com todas as exigências inerentes à escola e ao estágio.

- **Inovação das práticas pedagógicas e documental:** Nesta competência, apesar de saber da dificuldade que temos em inovar, em mudar, quando estamos inseridos num grupo e numa escola em que está implementado um sistema de gestão da qualidade e onde toda a inovação documental e processual tem de ser “participada” ao Departamento de Gestão da Qualidade, tentei ser inovador no planeamento, na realização das aulas, nas reflexões e mesmo na criação de projectos.

Julgo que a Unidade Curricular de Projectos e Parcerias Educativas permitiu-nos levar a cabo actividades bastante inovadoras e motivadoras para a comunidade escolar e meio envolvente.

- **Análise crítica e reflexiva:** A análise crítica e reflexiva faz parte integrante de todo o processo do ensino-aprendizagem. Todos os projectos, planos, aulas dadas, actividades desenvolvidas foram alvo de uma reflexão crítica. Apresentei sugestões de melhoria para “alimentar” todo o processo. Fiz a minha auto-avaliação como é hábito e faz parte das obrigações de todos os professores, em documento próprio (DP-22-A-avaliação do desempenho do pessoal docente).

- **Compromisso com as aprendizagens dos alunos:** Revelei um compromisso ético com as aprendizagens dos alunos. Promovi a criação de grupos heterogéneos adaptados ao nível de desempenho de cada grupo de alunos. Criei grupos homogéneos para os alunos mais evoluídos “puxarem” pelos seus colegas com um pouco mais de dificuldades. Criei tarefas com variantes de facilidade e de complexidade para adaptar a todos os níveis de desempenho da turma. As estratégias definidas tiveram como objectivo a inclusão de todos os alunos da turma na sua totalidade,

- **Assiduidade, pontualidade e conduta pessoal:** Fui assíduo, pois nunca faltei e pontual, pois estive sempre presente no local da aula antes do início de esta e antes de todos os alunos tentando suscitar-lhes estes princípios. Defendo a pedagogia do exemplo, como já referi anteriormente e para tal, mantive uma conduta pessoal inatacável. Lidei com confiança e mostrei a minha liderança, sem exercer autoritarismo, controlei a voz e controlei-me a mim, e também ouvi os alunos. Ganhei a autoridade total, tal como os conquistei, porque acho que demonstrei competência profissional, capacidade comunicativa e gosto por aquilo que faço. E acho que isso transparece.

2.3 Justificação das opções tomadas

É pelo recurso a diferentes estratégias, que os conteúdos podem alcançar objectivos diferentes, assim como se podem atingir os mesmos

objectivos, através de conteúdos diferentes. Este aspecto, talvez reflecta o ponto mais importante de toda a actividade educativa, pois constitui a forma de dirigir a acção no sentido de se alcançar e/ou manter, com maior eficácia, as metas visados no processo de ensino e aprendizagem.

Para além da preocupação em proporcionar aos alunos uma aprendizagem gradual, partindo dos aspectos mais simples para os mais complexos, planeei várias formas de trabalho, que variaram de acordo com as características das actividades previstas. Utilizei, preferencialmente, o trabalho em vagas, em grupo, individual e formas jogadas.

Estas últimas estiveram presentes sempre que possível, pois todos conhecemos a atracção que liga o homem ao jogo, especialmente evidente na criança e no jovem. Todavia, nas aulas cuja função didáctica era a transmissão e assimilação de novos conteúdos, preferi as situações mais analíticas, por pensar que permitem uma maior correcção na aprendizagem técnica.

Nos desportos colectivos, as formas jogadas revelam-se importantes, por poderem conter a intrínseca complexidade e variedade da situação de jogo. No caso dos desportos individuais, esta estratégia é um factor fundamental para proporcionar uma maior motivação. Com o mesmo fim, a apresentação de situações lúdicas e/ou competitivas, embora não sendo possível de realizar de forma sistemática, assumiu um carácter prioritário, pelo que, tentei variar os exercícios e a metodologia, respeitando os objectivos e os conteúdos.

2.4 Avaliação de processos e produtos

“Conjuntamente com a planificação e realização do ensino, a análise e avaliação são apresentadas como tarefas centrais de cada professor” (Bento, 1987).

A avaliação tem como principal objectivo, captar informações para posterior reflexão e análise, que vão permitir ao Professor e ao aluno conhecer

o nível do seu “estádio” de desenvolvimento. Estas, ao Professor, vão permitir controlar o ensino levando à sua adaptação e criação de objectivos adequados.

Para que isto seja possível, não pode o professor limitar-se à realização de avaliações finais, mas sim operacionalizar momentos de avaliação contínua e formativa. Deste modo, a avaliação deve centrar-se no que se definiu como essencial: implica uma análise cuidada dos objectivos atingidos face aos que haviam sido planeados, permitindo saber quais os que levantaram mais dificuldades (aos quais, de futuro, poderá vir a ser dada maior atenção).

Tendo sempre presente que como educadores pretendemos a formação global dos alunos, não nos devemos restringir a avaliar os resultados, mas também a forma como foram alcançados e a evolução que se verificou.

Para que a avaliação seja um meio e não um fim, deve dar-se ênfase à componente de diagnóstico inicial e à componente motivadora para que o processo de ensino - aprendizagem obtenha sucesso. Deve ser um processo que visa verificar as mudanças operadas em relação ao comportamento inicial. Nérici (1983), citado por Costa (1998) afirma que não pode haver avaliação sem que antes tenha havido verificação.

A avaliação educativa é um processo complexo, que começa com a formulação de objectivos e requer a elaboração de meios para obter evidência de resultados, interpretação de resultados para saber em que medida foram os objectivos alcançados e formulação de um juízo de valor. (Sarabbi, 1971; citado por NÉRICI, 1983;p. 28).

Para tal, no início do ano, foi feita a avaliação inicial de diagnóstico a todas as modalidades, excepto rugby (por ser para todos os alunos o primeiro contacto com a modalidade) e no final de cada unidade didáctica foi feita uma avaliação final, sendo o confronto de ambas, fundamental. Como avaliação contínua, serviram as notas da atenta observação dos alunos, da sua prestação a vários níveis, tais como; assiduidade, disciplina, participação e empenho nas actividades, conhecimentos (através do questionamento durante

as aulas) e desempenho motor, ao longo das aulas. Esta Avaliação Formativa, feita de forma contínua (previsto no despacho normativo nº6/2010- republica o 1/2005), como já foi referido, foi registada após todas as aulas, na sua reflexão crítica.

Todo este processo encontra justificação se, mais do que avaliar “pura e simplesmente” os conhecimentos dos alunos, tivermos em consideração a sua formação em todas as suas dimensões, proporcionando-lhe assim uma maturidade cívica e sócio-afectiva.

3 REFLEXÃO

3.1 Aprendizagens realizadas

Estou consciente que apenas terminou mais uma etapa da minha formação, pois este processo não finaliza aqui. Um professor tem estar constantemente actualizado de forma a poder responder a todas as necessidades dos jovens da actual sociedade, que se encontra sempre em evolução e com novos objectivos.

Este estágio veio aprofundar e alargar um conjunto de conhecimentos envolventes a todo o processo Ensino-Aprendizagem.

Esta experiência não se resume aos conhecimentos adquiridos mas a todo uma consciencialização das nossas dificuldades e dos aspectos que devemos melhorar.

Sei que desenvolvi, melhorei e aprofundei competências com o trabalho efectuado nas diferentes Áreas. Consolidação dos conhecimentos adquiridos até então e de aquisição de muitos conhecimentos na área do ensino.

Dentro desse contexto, localizamos a instituição escolar, que tradicionalmente é vista como responsável por transmitir a cultura para as novas gerações, através de um currículo com conteúdos seleccionados de acordo com essa necessidade, da actuação dos professores na transmissão desses conteúdos e nas acções empreendidas pelos alunos para que aprendam a lição. No entanto, sabemos que actualmente esses factores não podem ser vistos dessa forma, pois todos os sujeitos têm responsabilidades no processo de ensino e aprendizagem, o professor não tem apenas o papel de transmitir o conteúdo, mas deve ser visto também como um aprendiz e, os alunos devem ser mais que meros receptores, precisam ser entendidos como os construtores do conhecimento, participando de forma compartilhada nessa construção.

Para uma mudança na concepção de escola e dos processos de ensinar e aprender na Educação Física é inevitável salientar a importância do papel do professor, como protagonista do processo de aprender e ensinar reflexivamente. Foram muito importantes todas as reflexões efectuadas a nível do estágio pedagógico. As reflexões de todas as aulas desenvolvidas, as reflexões de todas as unidades didáticas, reflexões de cada período, reflexões das avaliações e relatório final do estágio, são sintomáticas desta tendência do professor reflexivo.

Também para os alunos existe, cada vez mais, uma tendência para que reflectam sobre a sua acção de aprendizagem. Para seguir esta tendência surgiram as auto-avaliações e o estabelecimento de metas que os alunos se propõem a atingir. Este processo deve acontecer de forma continuada, permitindo a identificação dos alunos e o repensar das estratégias. Além disso, permite dar a conhecer aos alunos os objectivos da avaliação, permitindo-lhes uma adequada auto - avaliação (Costa, 1998).

3.2 Compromisso com as aprendizagens dos alunos

Não há duas pessoas iguais. Esta é uma frase que sempre ouvimos, e que sempre achamos lógica. E é verdade, os alunos são diferentes uns dos outros, provêm de níveis socioeconómico e culturais diversos, têm idades e expectativas diferentes e reagem de maneira diferente a um mesmo estímulo.

O curioso da nossa profissão é que temos que desenvolver a turma como um todo colectivo, pensando sempre nas individualidades, nas particularidades de cada aluno.

O professor tem que ter sempre em consideração que o aluno tem um ritmo e um tempo de aprendizagem próprio. É com esta ideia que lhe cabe, criar um clima positivo, propício à aprendizagem. Deve encorajar e motivar os alunos, dando a todos a possibilidade de experimentar situações com sucesso,

levando a que se sintam bem consigo próprios, com os outros e com a actividade física, fomentando, deste modo, a sua participação nas aulas.

Só assim a aula de Educação Física se torna gratificante e é sentida como importante pelo aluno.

A turma do 12º B, na qual desenvolvi o meu trabalho de estágio, era uma turma um pouco atípica. 10 alunos, 9 rapazes e apenas uma rapariga. 2 níveis de desenvolvimento marcadamente diferentes- elementar e avançado, na maioria das unidades didácticas abordadas. Este número reduzido de alunos fez-me ter de optar por certas estratégias, tais como abordar algumas modalidades como o andebol e o voleibol, sempre em jogo reduzido (5x5), ter alguma atenção à definição da intensidade e duração das tarefas, bem estruturadas com as pausas entre elas, pois o tempo de descanso é bem menor que em turmas de vinte e muitos alunos.

Devido às diferenças entre os alunos, tanto ao nível do desenvolvimento motor como do desenvolvimento corporal, e para que todos possam obter resultados positivos, sendo sujeitos de uma evolução, torna-se imprescindível que as tarefas a desenvolver por eles sejam diferentes. Assim, a turma foi dividida, geralmente, em dois níveis. Os alunos que se encontravam num nível superior de desenvolvimento, realizavam tarefas em situações mais complexas ou com mais objectivos, e os alunos do nível inferior desenvolviam as tarefas em situações facilitadoras ou com menos objectivos. Defini também, variantes de facilidade e dificuldade para muitas das tarefas. Para algumas situações defini grupos heterogéneos, para que os alunos com um maior nível de desenvolvimento, ajudassem na evolução dos seus colegas, dando-lhes correcções e incentivando-os. Estilo de ensino de Recíproco (Mosston & Ashworth 1986). Ainda dentro dos estilos de ensino, utilizei em algumas situações, o estilo da Inclusão. Defini, como referi anteriormente, variante de facilidade e dificuldade para determinadas tarefas. Os alunos, a partir daqui, fazem uma auto-avaliação do seu nível de execução e optando pela situação mais adequada a si. Assim conseguimos atender às diferenças individuais e fazer com que ninguém se sentisse excluído da tarefa. O aluno aprende a

avaliar a sua execução e decide sobre o próximo nível, aprendendo a aceitar as diferenças individuais.

Tornou-se também necessário, quando em situação de jogo, adaptar as regras no intuito de dar a todos as mesmas possibilidades de participação. Assim e por exemplo, nos jogos desportivos colectivos optei por realizar jogos reduzidos, fazendo por várias vezes adaptações nas regras, tais como; no Basquetebol, os cestos das meninas contarem a dobrar, a bola ter de passar por todos, no Voleibol, ser obrigatório dar os três toques por equipa, no Andebol ser obrigatório que a bola passasse por todos os elementos da equipa, os golos das meninas contarem a dobrar, etc.

Assim e tendo em consideração que, não há duas pessoas iguais, tem que se respeitar as particularidades de cada um, não definindo objectivos demasiado elevados, sem pensar nos diferentes ritmos de aprendizagem, pois isso só levaria à frustração e consequente desmotivação, do aluno e do professor.

Os testes de Condição Física foram realizados logo no início do ano lectivo de modo a conhecer os alunos em relação às capacidades motoras e de forma a complementar o planeamento nas diferentes unidades didácticas. Foram feitos novamente, no final do segundo período e serviram para comparar a sua evolução a este nível. Este foi um excelente indicador do nível de desenvolvimento da condição física da turma. Quando um dos objectivos desta unidade era que os alunos conseguissem fazer uma aprendizagem dos processos de desenvolvimento e manutenção da condição física, julgo que não existe argumento mais eloquente que perceberem que com o trabalho, por vezes árduo, que desenvolveram, conseguiram melhorar os seus índices físicos de forma substantiva.

3.3 Importância do trabalho individual e de grupo

Nunca será demais sublinhar, como complemento de tudo isto, a proficuidade de um relacionamento estimulante, franco e dinâmico com os outros elementos do núcleo de estágio, que envolve troca de conhecimentos e de ideias, diálogo ou mesmo discussão construtiva, que passa pelo respeito da diferença que nos separa e faz de cada um indivíduo singular e único, que é simultaneamente a complementaridade que nos unifica num espaço que pretendemos melhor. Acho que desempenhei um trabalho com qualidade junto do grupo de estágio, com a minha disponibilidade na resolução de qualquer problema, através meu ponto de vista presente em todos os trabalhos desenvolvidos, e através da minha capacidade de trabalhar em grupo. Mostrei uma atitude positiva perante o grupo, de respeito e flexibilidade resultando numa boa relação entre todos e no sucesso das actividades organizadas. Temos a vantagem de já nos conhecermos há alguns anos e de haver uma ligação de amizade entre nós. Os inúmeros trabalhos de grupo cimentaram uma relação, já de si, forte. Ajudei a promover o trabalho de equipa, participando em todas as reuniões pois assumo o trabalho de equipa como uma responsabilidade própria e colectiva.

Estive presente em todas as reuniões que fazem parte dos deveres atribuídos a todos os professores: Reunião Geral de Professores, Conselhos de turma, Conselhos disciplinares, Reunião de departamento, Reunião de avaliação, etc.

Mantive também uma boa relação com todos os elementos constituintes do Grupo de Educação Física, com o professor orientador da escola, Bruno Almeida e com a professora orientadora da faculdade Elsa Silva.

As observações inter-estagiários também foram uma forma de cimentar o trabalho de grupo. Foi um apoio e ajuda importantes, de uns para os outros, em relação à nossa intervenção. Os feedback's recebidos foram sempre tidos em conta, pois o seu sentido crítico construtivo permitiu o meu evoluir ao longo do tempo.

3.4 Dificuldades sentidas e formas de resolução

As condições reais (n.º de alunos, tipo de comportamento da turma, material e estado de conservação, instalações, desníveis sociais, de capacidades motoras e intelectuais na mesma turma, etc.) condicionam de forma acentuada o processo ensino/aprendizagem. Por isso tem o professor que planear, realizar e avaliar tendo em consideração todos esses factores. Adaptando o ensino, de modo a que este garanta a todos os alunos a possibilidade de vencer.

Outra das dificuldades que se me depararam foi o processo da Avaliação. Aqui devem impor-se questões de justiça e equanimidade. Há que compensar o trabalho efectuado e a prestação atingida. Aqui será o professor juiz, incumbindo-lhe olhar o aluno na sua forma global e dizer-lhe “quanto vale”, sem nunca deixar de ter consciência do perigo que representa pretender mensurar essa realidade global e subjectiva que é o aluno, transformando-o num valor quantitativo. É um dever de enorme responsabilidade e, apenas a boa preparação deste processo nos pode dar alguma “segurança” em sermos o mais justo possível.

Outra dificuldade sentida foi na elaboração dos planos de aula. O número reduzido de alunos (10) fez-me ter de optar por certas estratégias. Inicialmente, construía planos com tarefas demasiado exigentes fisicamente para os alunos. Tive de passar a reformular a intensidade e duração das tarefas, bem estruturadas com as pausas entre elas, pois o tempo de descanso e de espera é bem menor que em turmas de vinte e muitos alunos. Senti uma grande evolução no meu processo de aprendizagem ao longo do ano.

Também a nível do plano de aula, chegamos à conclusão, com o feedback da professora Elsa, que estávamos a definir demasiados objectivos para cada aula. O plano estava a tornar-se demasiado longo a nível dos objectivos, critérios de êxito e componentes críticas. A professora alertou-me

para a necessidade de ser mais específico e focar-me em dois ou três aspectos fundamentais para cada aula. Julgo ter melhorado bastante após esta preciosa ajuda.

Outra das dificuldades por mim sentida prende-se com a leccionação da Unidade de Actividades Rítmicas e Expressivas. Nunca tive qualquer formação a este nível (apenas em danças e jogos tradicionais). É uma pecha que pretendo resolver, tendo já feito o pedido à direcção do colégio para participar em formações nesse âmbito. A estratégia que utilizei durante este ano lectivo, com a turma de estágio, foi pedir a uma aluna que tem formação nesta área, que desenvolvesse uma coreografia com a turma. Esta estratégia correu muito bem e a turma conseguiu desinibir-se e criar um trabalho bastante positivo.

Ajustar o nível dos discentes às dificuldades dos exercícios propostos para que estes sejam desafiantes para os alunos mais avançados foi uma das dificuldades por mim sentida. As tarefas criadas por mim, tiveram de ter, com grande frequência, variantes de facilidade e de dificuldade para os alunos com mais dificuldade e com mais facilidade, respectivamente. Também tenho a noção que melhorei bastante em relação ao início do ano. Situações que passei a prever nos planos de aula.

3.5 Dificuldades a resolver no futuro

A Escola, com todos os seus intervenientes e relações, está em constante mudança, evolução. É por isso factor imprescindível, que o professor se adapte constantemente à realidade do ensino, tendo em conta as alterações das variáveis que regulam o processo ensino / aprendizagem. Este não é um processo acabado mas mais um “trabalho em progresso”. Como tal, as dificuldades, terminado o estágio, não estão todas ultrapassadas. Dificuldades haverá sempre.

Irei enumerar as dificuldades sentidas que deverão ser resolvidas no futuro:

» Procurar que as actividades estejam em sintonia com as restantes actividades dos restantes departamentos da escola, de forma a evitar como sucedeu, conflitos entre departamentos.

» Participar no maior número de acções de formação relacionadas com a condução do ensino, de forma a aumentar as minhas competências nesta área. A dificuldade actual é que as formações passaram a ter de ser desenvolvidas em horário pós-laboral, o que limita os formadores e os formandos.

» A elevada sobrecarga de trabalho ao nível dos projectos e parcerias educativas, organização e gestão escolar e estágio pedagógico provoca uma grande saturação nos estagiários. Não esquecendo que ainda leccionava outras cinco turmas do segundo ciclo, em simultâneo. O Estágio deve ser o primeiro momento do início de um processo, que para além da formação, projectará motivações para a futura carreira docente, todavia com este cenário muitos dos estagiários iniciam o trajecto profissional desmobilizados e saturados;

3.6 Inovação nas práticas pedagógicas

Sabendo que a escola, tal como toda a sociedade e o mundo em geral estão em constante mutação, em evolução contínua, urge a necessidade de nos actualizarmos, de inovarmos. Assim devemos-nos encontrar abertos a novas metodologias de ensino. Devemos experimenta-las de modo a que possamos verificar a sua eficácia. Só assim podemos evoluir e melhorar a nossa formação que se irá reflectir na melhoria da qualidade do nosso ensino.

Também sou da opinião que a formação contínua é a melhor forma de estarmos sempre a par das novas tendências. De todas as formações que estive presente, “apanhei” sempre algo de novo para por em prática nas minhas aulas, com os meus alunos. Muitas dessas estratégias mantive, depois de as experimentar e após a análise do feedback recolhido, reajustá-las ou mesmo corrigi-las, pois que deste processo depende a evolução pretendida

Tenho a clara noção que a minha inovação estará dependente da minha actualização. Como tal, não posso permitir realizar ano após ano as mesmas coisas, pois daqui não resultaria qualquer experiência, mas somente um acumular de anos de serviço.

Também as novas Tecnologias da Informação e Comunicação, cada vez com maior relevo no nosso meio em particular e na sociedade em geral, fazem-nos perceber da necessidade que temos em nos actualizar e manter informados. Há constantemente actualizações e novas versões de programas e sistemas operativos. Vivemos num mundo muito rápido e em constante mutação. As novas tendências levam-nos a utilizar os Pc's num número crescente de situações. Recebemos informação dos diferentes órgãos da escola por mail, consultamos todo o tipo de documentos e legislação no moodle, pesquisamos todo o tipo de informação na internet. Esta actualização faz-nos estar a par das novas práticas, pedagógicas e não só.

3.7 Impacto do Estágio na realidade do contexto escolar

O estágio assume um papel fulcral, para a nossa formação e ao mesmo tempo desempenha um papel social dentro da escola. Contribui para o reconhecimento da disciplina, uma vez que esta actividade permite à comunidade escolar aperceber-se do grau de empenhamento e complexidade inerentes à nossa actividade profissional.

Este impacto foi “sentido”, não apenas, nas turmas que estagiámos mas também nas actividades que desenvolvemos. Destaco as duas desenvolvidas na Unidade Curricular de Projectos e Parcerias Educativas. Os Megs tiveram um envolvimento muito grande por parte dos alunos (cerca de 300) e alguns encarregados de educação. Foi um grande sucesso, até porque acabou por ser, para alguns alunos, uma oportunidade única de competirem numa pista oficial de atletismo, num estádio como o Municipal de Leiria. Julgo que a realização dos Megs, proporcionou aos alunos um dia inesquecível, por tudo o que envolveu. A competição, a festa que se fez dentro da pista de atletismo, a entrega das medalhas aos três primeiros classificados, etc.

Em relação à actividade SchoolFitness, acho que os números falam por isso. É um momento marcante na história do colégio, envolvendo alunos, pais, funcionários, professores e comunidade em geral, com um número de participantes próximo dos 1100. Impressionante!

Além das actividades inerentes ao ano de estágio, não poderemos olvidar todas as outras em que estivemos envolvidos que dizem respeito ao Plano Anual de Actividades do colégio e da responsabilidade do departamento de Educação Física. Passo apenas a enumerar algumas, tais como: Projecto do Desporto Escolar (responsável pelos grupos/equipa de basquetebol, infantis e iniciados); -Participação nas múltiplas actividades organizadas pelo Desporto Escolar (Corta-mato escolar, distrital e regional, torneios inter-turmas nas mais variadas modalidades, torneio Nestum Rugby, Torneio Compal Air, jogos professores-alunos, demonstrações de várias modalidades, festas de final de período, etc.)

Resumindo e concluindo, acho que o impacto dos estagiários na vida do colégio foi incomensurável.

3.8 Questões dilemáticas

Não desconhecia o facto de a situação da Educação Física, no contexto educativo no nosso país, colocar o papel do docente numa posição um pouco “à parte”, repercutindo-se a situação, muitas vezes, nas expectativas dos alunos relativamente a que a aula de Educação Física mais não seria que um grande “recreio”, embora com a presença de um vigilante ou de um companheiro mais velho, que até poderia “alinhar”. Por outro lado, também tinha consciência de que haveria sempre alunos não vocacionados para a Educação Física e Desporto.

Para além das reflexões explanadas ao longo deste relatório, muito haveria ainda para dizer acerca das principais dificuldades e condicionalismos que determinaram a escolha deste ou daquele conteúdo programático, dos objectivos que foram realmente alcançados e dos motivos do não cumprimento de outros, das razões que determinaram uma nítida progressão por parte de alguns alunos e a pouca evolução demonstrada por outros, da pouca ligação da escola com a vida, das relações professor-aluno, da inexistência de uma verdadeira interdisciplinaridade, dos sucessos e insucessos de alunos e professores.

No entanto, o confronto da teoria com a prática, cuja aplicação e ajustamento constituíam um desafio importante para mim, veio aproximar-me de alguns problemas que, embora largamente discutidos na teoria, não tinham ainda chegado até mim de uma forma tão próxima. São eles a heterogeneidade verificada em cada turma, em termos de níveis de aprendizagem, apetência e de motivações individuais. Constatei que estas questões se prendem com variáveis como o sexo, cultura e personalidade. A variabilidade verificada, geralmente, contribui para a estagnação de todos esses grupos na aprendizagem e para a sua consequente desmotivação, para além de, muitas vezes obrigar o professor a “optar” por um ou outro grupo, independentemente, de utilizar ou não uma metodologia por etapas de aprendizagem.

Um aspecto que se revelou decepcionante foi constatar que, embora se defenda que o aluno é o *sujeito* em volta do qual se deve desenrolar o processo ensino-aprendizagem, a realidade das reuniões de Conselhos de Turma coloca sistematicamente os alunos numa situação de *objecto* de análises subjectivas, traduzidas por fenómenos de simpatia ou antipatia, resumindo-se a avaliação ao “ditar de níveis” e raramente encarando o aluno como uma personalidade global. Para melhor fundamentar esta minha opinião passo a transcrever a Ordem de Trabalhos de uma reunião de avaliação que estive presente:

1. Avaliação sumativa do 2º período;
2. Avaliação do PCT e sugestões de melhoria;
3. Avaliação dos planos de acção definidos para a turma;
4. Elaboração dos planos de acompanhamento;
5. Avaliação dos PEI e elaboração dos seus relatórios circunstanciados.

Como podemos facilmente perceber, para uma reunião estipulada para três horas, apenas um ponto da ordem de trabalhos em cinco, se refere à avaliação sumativa propriamente dita. Todos os outros são sobre aspectos burocráticos, obrigatórios que a legislação tem vindo a “obrigar” a desenvolver. Cada vez nos focamos menos no que realmente interessa.

Por último gostava de referir que sou da opinião que a continuação de todas as tarefas inerentes ao estágio seja uma irreabilidade numa situação futura de ensino.

3.9 Conclusões referentes à formação inicial

Relativamente a este tema, não poderei dar uma opinião muito precisa, uma vez que a minha formação inicial (1º ciclo de Bolonha) foi feita há bastante tempo (1994-98) aquando da minha licenciatura “clássica” em professor do Ensino Básico- variante de Educação Física. No entanto sou da opinião que o

estágio pedagógico constitui o complemento ideal à formação inicial proporcionada ao longo dos três anos de formação inicial.

O estágio contempla um conjunto de tarefas, que proporcionam a organização e estruturação do processo de ensino. Estas actividades provocam nos intervenientes, a tomada de consciência de como o ensino é realizado, como é estruturado, como são os processos de adaptação dos alunos de modo que se possa actuar de forma individualizada sobre estes alunos. O que acontece realmente na escola são situações tão diversificadas que nos metem tantas vezes prova a nossa competência, ou seja, é o ter que saber resolver situações imprevistas e por vezes difíceis que ocorrem num preciso momento. Na faculdade tudo foi bastante diferente, pois as experiências que aí tivemos já eram situações controladas e pré-definidas por nós.

Digamos que é o passar da teoria à prática, representa, no fundo, o compilar e sistematizar de todo o conhecimento adquirido ao longo dos últimos anos de formação académica, e é a prova de fogo da nossa capacidade de transformar esses conhecimentos teóricos adquiridos, numa situação prática em que temos também que transmitir os nossos conhecimentos.

3.10 Necessidades de formação contínua

Encontrando-nos numa situação de estágio ou mesmo como professores profissionalizados, devemos sempre encarar o processo ensino/ aprendizagem como algo não estável, que não está estagnado. Por isso, não nos podemos permitir realizar ano após ano as mesmas coisas, pois daqui não resultaria qualquer experiência, mas somente um acumular de anos de serviço.

“Quem deixar de aprender tem que deixar de ensinar” (Teotónio Lima).

Devemos ter também uma atitude crítica face ao meio escolar em que estamos inseridos e ao seu funcionamento. Tentando modifica-lo (se acharmos necessário) para que este se torne cada vez mais favorável à prática da educação.

A formação contínua, através de acções/cursos de formação, direccionados para a solução dos problemas levantados pelos professores, bem como para a actualização de conhecimentos e aquisição de novos, mas realizada de forma individualizada, contribuirá, sem dúvida, para a evolução, quer da Educação Física, quer dos seus profissionais.

Ainda no que diz respeito à formação contínua, tenho plena consciência de que constitui, ao mesmo tempo, direito e um dever do profissional, dela dependendo a sua progressão na carreira, de que o estágio é apenas uma primeira etapa.

A Escola, com todos os seus intervenientes e relações, está em constante mudança, evolução. É por isso factor imprescindível, que o professor se adapte constantemente à realidade do ensino, tendo em conta as alterações das variáveis que regulam o processo ensino / aprendizagem. Tendo para isso que se actualizar e “reciclar”.

Eu fiz uma formação, no decorrer deste ano lectivo, numa área que sentia algumas carências. Participei numa acção desenvolvida no âmbito do ensino do Rugby na Escola. A acção chamou-se “O Ensino do Tag-Rugby na Escola” e foi ministrada pela APPEFIS, na escola E.B. 2,3 D. Dinis em Leiria a dez de Fevereiro de 2010.

3.11 Experiência pessoal e profissional do ano de estágio

Penso que o ano de estágio foi realmente, tal como esperava que fosse, o ano de exploração e consolidação do que verdadeiramente é para mim ser professor. Tendo chegado ao fim, tenho, porém, a certeza de que, como se me afigurava ao princípio, o fim da exploração será um novo começo e cada novo começo uma nova exploração. Não vi frustradas as expectativas do início, antes pelo contrário. Se muito fiz por mim, muito me ajudaram não só os que estão acima de mim, me orientaram e me vão avaliar, mas também aqueles que, de certa forma, foram entregues à minha responsabilidade, quer no espaço turma, quer no espaço escola e meio – refiro-me, evidentemente, aos alunos, com quem muito aprendi, inclusivamente sobre mim próprio, e com quem espero, nunca deixar de aprender.

Como referi anteriormente, também tinha consciência de que haveria sempre alunos não vocacionados para a Educação Física e Desporto. A turma na qual desenvolvi o meu estágio (12ºB) também me dava garantias que não estaria numa situação tão extremada no que diz respeito à educação física.

Tendo eu próprio, desde cedo, desenvolvido o gosto por tudo que a Educação Física e o Desporto envolve e engloba, o desafio que esta situação representava, longe de me desmotivar, mais me incentivou, pois tinha a certeza de que seria batalha ganha. O Desporto, desde que me lembro, foi e sempre será a minha vida.

Neste contexto geral em que situava a minha “linha de acção”, uma preocupação se manteve constante: a de fazer do aluno o elemento central do processo ensino-aprendizagem, sem descurar questões que se prendem com a minha postura ou forma geral de estar e agir, com os conteúdos a leccionar, os feedbacks a fornecer, a manutenção da disciplina na aula, a ligação da planificação à realização e a articulação desta com a avaliação do processo, para mencionar os aspectos mais relevantes. Não é fácil libertarmo-nos do nosso próprio eu no sentido de uma descentralização em nós mesmos para

nos centrarmos no “outro”, que, neste caso é cada aluno e o grupo de alunos que constituem esta ou aquela turma específica, nesta escola concreta em que me acontece estar a dar aulas. A perseverança na prática será a chave do sucesso, o que envolve não apenas fazer leituras de obras neste aspecto úteis, mas sobretudo experimentar as estratégias que a intuição ou essas leituras suscitaram, após a análise do feedback recolhido, reajustá-las ou mesmo corrigi-las, pois que deste processo depende a evolução pretendida. Nunca será demais sublinhar, como complemento de tudo isto, a proficuidade de um relacionamento estimulante, franco e dinâmico com os outros elementos do núcleo de estágio, que envolve troca de conhecimentos e de ideias, diálogo ou mesmo discussão construtiva, que passa pelo respeito da diferença que nos separa e faz de cada um indivíduo singular e único, que é simultaneamente a complementaridade que nos unifica num espaço que pretendemos melhor.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, J. (1987): *Planeamento e Avaliação em Educação Física*, Livros Horizonte, Lisboa.

COSTA, F. et al. (1988): Modificação dos Comportamentos de Ensino em Estudantes Estagiários de Educação Física. *Revista Horizonte*, vol V (25), pp. 13-17, Lisboa.

LUCKESI, Cipriano Costa. *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. 11ªed.São Paulo:Cortez,2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Programa Educação Física, Plano de Organização do Ensino – Aprendizagem. Vol. II – Ensino Secundário. Lisboa: Ministério da Educação (DGEBS).

MOTA, J. *As Funções do Feedback Pedagógico*, Livros Horizonte, Lisboa, v 6, n 31.

MOSSTON, M. & Ashworth, S. (1986) *Teaching Physical Education*. Columbus, OH: Merrill.

NÉRICI, Imídeo Giuseppe. *Avaliação da Aprendizagem*. In: - *Didática Geral Dinâmica*. 9ª ed. São Paulo: Atlas,1983.

PIÉRON, M. (1992). *Pedagogie des activités physiques et du sport*. Paris: Éditions Reveu EPS.

PIMENTEL, J. *Apontamentos de Didáctica III*.

SENNERS, P. (1993). *La leçon d' EPS – gravitation autour de l'élève*. Paris: Éditions VIGOT.